



Veículo: O Liberal		
Data: 28/03/2018	Caderno: Poder	Página: 04
Assunto: Memória		
Tipo: Notícia	Ação: Espontânea	Classificação: Positiva

Iniciativas tentam resgatar memória de Édson Luís 50 anos após sua morte

Da Redação

A morte do estudante paraense Edson Luís de Lima Souto completa hoje 50 anos. O estudante foi morto na ditadura militar, durante protesto no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, a 28 de março de 1968. No final daquele ano, após uma série de protestos estudantis, seria baixado o Ato Institucional nº 5 (AI5), que agravou o regime militar no Brasil e implantou de vez a ditadura.

Naquele março de 1968, os estudantes protestavam contra o preço da refeição oferecida aos estudantes no Calabouço. Edson Luís havia ido para o Rio de Janeiro estudar para entrar no curso de Engenharia, e sua morte teve grande repercussão e incentivou protestos contra o regime, conta a professora da Universidade Federal do Pará (UFPA) Edilza Fontes, que pesquisa a história da ditadura militar no Brasil. “Para transmitir uma determinada memória depende do governo, das comemorações e de como se conserva e transmite esta memória. Este movimento estudantil tão vigoroso vai ser derrotado e várias lide-

ranças vão ser presas e ficar desaparecidas. Esta contestação aos governos militares vai ser muito combatida assim como esta memória”, aponta.

Em 1968, a morte de Edson Luís, fez com que o movimento estudantil entrasse em uma crescente até chegar a ocupar quase todas as faculdades da Universidade Federal do Pará (UFPA) durante a visita do presidente Costa e Silva, em agosto daquele ano. Os estudantes reivindicavam melhores condições de ensino superior.

Hoje, as poucas lembranças de Edson Luís que restam no Pará ficam restritas aos meios acadêmicos. O estudante dá nome ao Centro Acadêmico de Direito Edson Luís (Cadel) da UFPA e a uma escola municipal de 700 estudantes de ensino infantil e fundamental no bairro do Guamá, fundada em 1999. A comunidade da escola até tentou levantar a história do homenageado, mas não conseguiu muitas informações. Nesta semana,

foi apresentado um documentário com a história de Edson Luís na UFPA. Já os estudantes de Direito organizam uma exposição no Centro Acadêmico, hoje, a partir das 18h. A exposição terá um painel que contará o momento político da época. Uma sessão solene na Assembleia Legislativa do Estado do Pará (Alepa) também está programada para o dia 23 de abril especialmente para lembrar de Edson Luís.

De acordo com jornais da época do Rio de Janeiro, Edson estudou no então Colégio Augusto Meira, em São Brás, mas no local, hoje, não há nenhuma recordação. A comunidade escolar até recebeu com surpresa a informação de que ele havia passado por ali. Nenhum registro do estudante foi encontrado no arquivo da escola. A realidade política da escola é diferente da década de 1960. O Grêmio Estudantil está desativado há pelo menos 10 anos e não há interesse dos estudantes em reativá-lo. Para a vice-diretora



Dina Lúcia, se realmente for comprovado que Edson Luís estudou no Augusto Meira, será um orgulho. “Se realmente fizermos está descoberta faremos divulgação para os nossos alunos. Assim, como temos deputados federais que estudaram nesta escola, vai ser muito importante até que para que seja esclarecida esta história combativa. Acho que isso maravilhoso”, falou.

Segundo o professor de história do Augusto Meira Lélis Veiga, de 60 anos, que também foi estudante da escola na década de 70, a desmobilização estudantil é muito grande hoje. “A maioria dos colégios não tem organização estudantil. O movimento mais forte é nas universidades. Não se tem preocupação nenhuma nas próprias organizações. A maioria das escolas está caindo na cabeça dos estudantes”, avalia o professor.

O deputado federal Edmilson Rodrigues (PSOL) comparou a história de Edson Luís, comparando a da vereadora Mariele Franco. “Passaram 13 dias do assassinato e nenhuma resposta sobre os motivos de assassinar uma pessoa tão dedicada ao bem, à fraternidade e à justiça social, muito

menos informação de quem são os assassinos. Mas sabe-se que as balas foram compradas com dinheiro público federal em que os executores eram profissionais, provavelmente com formação técnica no uso de pistolas de 9 mm”, falou.